

Estrutura temática e Coesão Textual no Texto Rosalinda, a nenhuma

Dissertação apresentada em cumprimento dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane

Brazão José Luís Catopola

Departamento de Letras Modernas

Faculdade de Letras

Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: Professor Doutor Armando Jorge Lopes

Maputo, 2002

F. LETRAS U.E.M. *dp*
R. E. 29897
DATA 15/Outubro/03
AQUISIÇÃO *Letras*
COTA LT/22

8133
C357

O Júri			Data
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	/ /

Declaração

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

Dedicatória

Dedico esta tese à memória do meu falecido Pai (Luís José Catopola) e da minha falecida Irmã (Suzete Mária Judite Catopola)

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho só foi possível graças ao estímulo e apoio a mim prestados por várias pessoas a quem devo e desejo agradecer do fundo do meu coração.

Assim, quero manifestar em primeiro lugar, a minha gratidão ao Professor Doutor Armando Jorge Lopes, pelas ideias iniciais que deram origem a este trabalho, por ter acreditado e confiado em mim, pela disponibilização do material bibliográfico, pela crítica construtiva, pelas sugestões, pelo rigor linguístico na análise feita ao conteúdo do trabalho nos seus diferentes estágios e, acima de tudo, por me ter compreendido num dos momentos mais tristes e difíceis da minha vida.

Quero agradecer a todos os meus professores que durante vários anos se dedicaram a ensinar e a passar os seus conhecimentos de uma forma exemplar e incansável.

Quero expressar o meu sentimento de gratidão ao dr. Cariltos Compania pelas leituras críticas, revisão linguística feita a este trabalho e acima de tudo pelas críticas construtivas que sempre me deu.

A minha mãe quero agradecer por tudo: amizade, amor, carinho, dedicação, compreensão, por tudo, sei que jamais conseguiria aqui chegar se não fosse todo o seu empenho.

Aos meus irmãos, obrigado pelo apoio moral, amizade, paciência e solidariedade.

Aos meus tios Brazão, Adão, Luísa, Ventura, Aguiar, por todo o apoio, amizade, que me deram durante estes anos e acima de tudo pelas discussões construtivas que sempre tivemos. Obrigado.

Quero também expressar a minha gratidão aos meus colegas de turma (96/97) em especial ao Carlitos, Pantie, Maunze, Juvenal, Humberto, Marcela, Dona Fátima, Lurdes e a Hermnia por todos os momentos que passamos juntos durante estes anos todos.

Aos meus primos (Chica, Leo, Lulu, Issa), a minha namorada, aos meus amigos Ito , Ito G, Dercio, Lívio, Quim, Fulgêncio, Rogério, Dinnis, Ressano. Obrigado pela vossa boa amizade e encorajamento.

Algy, Pantie passaram-se anos a convivermos juntos na mesma residência R-4, com as mesmas dificuldades, amizade e união. Obrigado

Aos meus colegas de serviço, Dr. Fernando Dava, Dr. Nhussi, M. Chambe e Samuel agradeço o vosso apoio moral e disponibilidade em ajudar-me em todos os momentos. Dra. Sónia Gama e Hercília Matusse, vocês foram as melhores coisas que me aconteceram no ARPAC.

São tantos e não é possível mencionar todos, mas estou grato a todos aqueles, mesmo os que aqui não menciono, que duma forma directa ou indirecta contribuíram para a efectivação deste estudo.

Siglas Usadas

T – Tema

R- Rema

Ds – Distância Coesiva

N – Número de Frase

n/f – número da Frase com Elemento Pressuposto

Ci – Coesão Imediata

Cr – Coesão Remota

CrM – Coesão Mediata

CG – Coesão Gramatical

GRP- Coesão Gramatical: Referência Pessoal

GRD - Coesão Gramatical: Referência Demonstrativa

GCC - Coesão Gramatical :Conjunção: Causal

GCT - Coesão Gramatical: Conjunção: Temporal

GCA - Coesão Gramatical: Conjunção: Aditiva

GCAAd - Coesão Gramatical: Conjunção: Adversativa

GSO - Coesão Gramatical: Substituição: Oracional

GSN – Coesão Gramatical: Substituição: Nominal

GEN - Coesão Gramatical: Elipse: Nominal

GEO - Coesão Gramatical: Elipse Oracional

GEV - Coesão Gramatical: Elipse Verbal

LSN - Coesão Lexical: Reiteração: Repetição

LRS - Coesão Lexical: Reiteração: Sinonímia

LCO - Colocação/ Co-ocorrência Lexical

LRR - Coesão Lexical: Reiteração

- Elipse

Sumário

I - Introdução.....	1
1.1 - Introdução.....	1
1.2 - Motivação.....	6
II - Revisão Bibliográfica.....	7
1.1 - Introdução.....	7
1.2 - Estruturas Discursivas	7
1.3 - Coesão textual.....	11
III - Enquadramento Teórico.....	17
1.1 - Introdução.....	17
1.2 - Estrutura Temática.....	17
1.3 - Coesão textual.....	19
IV - Análise de Dados.....	23
1.1 - Introdução.....	23
1.2 - Estrutura Temática.....	23
1.3 - Coesão textual.....	35
V - Conclusões e Recomendações.....	44
VI - Bibliografia.....	45
VII - Anexos.....	48
Anexo I - Texto "Rosalinda, a Nenhuma".....	48
Anexo II - Numeração de Temas.....	53
Anexo III - Coesão Textual.....	58

CAPITULO I - INTRODUÇÃO

1. Introdução

Todas as línguas naturais têm a capacidade de exprimir os seus sentimentos, experiências, conceitos, eventos e muito mais do seu mundo circundante. Segundo Murphy¹ (1989:33) “a língua é a parte central da cultura, o principal veículo da vida social”. Assim sendo a especificidade de cada cultura se farão sentir na língua conseqüentemente a maneira como as línguas organizam esses seus sentimentos, conceitos, eventos, experiências vai variar de língua para língua de acordo com a cultura dos povos falantes dessas línguas.

Estas manifestações culturais fazem-se sentir também na língua como parte integrante da cultura e influenciam a forma como os falantes das línguas naturais organizam o discurso quer seja escrito como oral. Deste modo poder-se ter em conta, o ponto de vista de Enkvist (1987 : 27), segundo o qual certas transformações num texto (oral ou escrito) num dado acto comunicativo ocorrem provocadas por certas forças que estão para além da frase (contexto, participantes no acto comunicativo, etc). Para a análise destas forças que ocorrem para além da frase, nós podemos recorrer à noção de macrolinguística introduzida por James² (1980: 102), segundo a qual “ela é vista como uma abordagem cujo âmbito pode ser caracterizado em dois sentidos: no sentido vertical – em termos de unidades linguísticas mais largas – e no sentido horizontal o qual

¹ The language is a central part of culture, the core of all systems of symbol. It is the main vehicle of social life for it mediates social interaction. (Tradução da minha responsabilidade).

² In general a broadening of scope is aimed at both vertically in terms of larger units and horizontally to incorporate socio-cultural settings within linguistics. This broadening of scope has so far been achieved in two ways. The first is one of formal level and addresses the questions of how sentences are organized into larger suprasentential units or text. The second direction is the functional one and looks at way in which people put language to use: this is the field of discourse analysis. (Tradução da minha responsabilidade).

abrange os domínios socioculturais expressos através de meios linguísticos”. Um estudo no sentido vertical situa-se a nível formal e responde a questões de como as frases são organizadas dentro de unidades supra-frasais ou textos e um estudo no sentido horizontal enquadra-se na abordagem funcional, porque olha para os sentidos em que pessoas se ocupam da língua no seu uso.

Na análise da vertente formal estar-se-á perante uma análise de texto; ao se fazer uma análise na vertente funcional a perspectiva de análise está centrada no discurso. Esta última abordagem procura “mostrar como as categorias funcionais são realizadas pelos dispositivos formais” (Coulthard³, 1977 : 8).

As duas formas de análise acima mencionadas são complementares. Contudo, a distinção entre ambas é de carácter metodológico embora, a análise funcional (análise de discurso) seja mais extensiva que a formal (análise de texto), pois ao se fazer a análise do discurso, estar-se-á a estabelecer relações entre a função e a forma. Note-se que uma análise de texto não significa estabelecer relações entre função e forma.

Segundo Lopes⁴ (1987:2) “durante o processamento de discurso, no presente caso escrito, existem normalmente dois pressupostos que devem ser considerados: o primeiro é que o escritor está preocupado em fazer se entender pelo leitor, que tem algum conhecimento do leitor e que assume o seu papel; no segundo há que ter em conta que a leitura é um processo interactivo e que isto envolve ter que se dar uma dupla atenção aos

³ The final problem of discourse analysis is to that show functional categories are realized by formal items. (Tradução da minha responsabilidade).

⁴ In the context of discourse processing, two assumptions have to be considered. First, we have to take account of the fact that the writer was concerned to make himself/herself understood by the reader, that he/she shares some knowledge with the reader, and that he/she has assumed the reader's role. Secondly we have to take the view that reading is an interactive process and that this involves giving due attention to ways in which readers interpret the writer's encoding of the conceptual and communicative discourse functions. (Tradução da minha responsabilidade).

modos como o leitor interpreta a codificação do escritor das funções dos discursos conceptual e comunicativo”.

Deste modo, fica claro que uma das tarefas do analista do discurso é a de verificar como é que o escrevente processou a informação no sentido de:

- demonstrar que ele (o escrevente) foi consistente com o que disse antes;
- demonstrar a sua visão do mundo circundante;
- demonstrar que ele se comunica directamente com o leitor.

Podemos assim afirmar que durante o acto comunicativo é importante que o escritor se faça compreender pelo leitor, isto é, que a informação chegue de modo a que o leitor capte, compreenda e possivelmente assuma o novo dado, conhecimento, experiência, etc.

No processo da comunicação há que se ter em conta que o verdadeiro objectivo e a real finalidade da actividade linguística dos falantes é a produção de sentidos. Para que esses sentidos sejam produzidos há dois conceitos chaves a saber: a competência linguística e a competência comunicativa. A competência linguística, é segundo Faria et al. (1996:301), “o conhecimento cognitivo que os humanos têm sobre a língua e incluem-se nisto a ordem de palavras, as estruturas de combinações de palavras, relações gramaticais que cada sintagma desempenha numa da estrutura, entre outras”. Hymes (1972) introduz a noção de competência comunicativa que é o conhecimento que um falante de uma dada língua natural necessita de possuir, de como usar as formas linguísticas apropriadas. Para o autor devemos ser capazes de dar conta do facto de que uma criança adquire o conhecimento de frases, não apenas enquanto são gramaticais mas também quando são adequadas. Adquire competência relativamente a quando falar ou não, sobre que falar, com quem e de que modo.

Por seu turno, Widdowson⁵ (1983:24) afirma que “para se ter uma teoria linguística que diz respeito a comunicação e cultura, ela deve ser formulada de modo generalizado, e quatro aspectos devem ser considerados:

- 1) saber até que ponto o que se diz é formalmente possível;
- 2) saber até que ponto, é que certa coisa foi dita, de forma correcta e o que a sua utilização implica”
- 3) saber até que ponto o que se diz é apropriado (adequado, feliz, bem sucedido) em relação ao contexto em que o seu uso foi feito;
- 4) saber até que o que se diz é viável em virtude dos meios de implementação disponíveis.

A ideias dos autores acima referidos são partilhadas por Ducrot e Todorov (1991:60) ao afirmarem que “uma língua não é apenas um conjunto de enunciados (finitos e infinitos) mas todo um saber sobre estes enunciados.” Este conjunto de saberes refere-se a capacidade que os falantes das línguas naturais têm de produzir enunciados linguisticamente contextualizados.

Assim estas duas competências vão determinar os sentidos que são produzidos durante a actividade linguística. É neste contexto que uma frase bem formada pode ser apropriada em dois sentidos: pode ser formalmente apropriada quando não viola as regras de organização textual e pode ser funcionalmente apropriada, quando comunica o que o falante quer veicular. Pode, contudo, ser formal e funcionalmente inapropriada, sendo que a inapropriação formal resulta num texto incoesivo e a inapropriação

⁵Whether (and to what degree) something is formally possible; whether (and to what degree) something is feasible in virtue of the means of implementation available; whether (and to what degree) something is appropriate in relation to a context in which it is used and evaluated; whether (and to what degree) something is in fact done, actually performed, and what its doing entails. (Tradução da minha responsabilidade).

funcional resulta num texto incoerente. Esta junção da forma e função podem ou não criar um discurso daí que James⁶ (1980: 103-4) faz menção ao facto de “um texto não ser apenas sequência casual de frases de conteúdos relacionados, as frases aparecem numa ordem fixa, e acima de tudo existem nela dispositivos formais que sinalizam a natureza exacta das relações subjacentes entre frases sucessivas”.

Estes dispositivos formais podem ser gramaticais, lexicais e/ou sob forma tonal, sendo também variáveis de língua para língua. E são estes dispositivos formais que depois fazem com que o texto signifique aquilo que, na realidade, significa.

Por outro lado, é preciso ter em conta a forma como é que as frases de um determinado texto estão organizadas. Isto remete-nos ao problema da linearidade das frases (*linearisation problem*, Brown & Yule, 1983) em termos de estrutura temática.

Halliday⁷ (1985: 287) sustenta que “a estrutura temática só por si não é suficiente para constituir um texto pois para que uma sequência de orações ou complexos oracionais possa constituir um texto é necessário algo mais (...) é necessário também tornar explícitas as relações externas entre uma oração e outra; tais relações são realizadas através de elementos da coesão textual que se situam no meio das estruturas temáticas”.

Podemos, assim, de uma forma mais clara definir os objectivos deste estudo.

⁶ A text is not just a random sequence of content-related sentences: the sentence appears in a fixed order, and, over and above this, there are formal devices which signal the exact nature of the relationship holding between successive sentences. (Tradução da minha responsabilidade).

⁷ Theme and information together constitute the internal resources for structuring the clause as message. For giving it a particular status in relation to the surrounding discourse {...} it is necessary to do more than give an appropriate internal structure to each. It is necessary also to make explicit the external relation between one clause or clause complex to make external relationship between one clause or clause complex and another, and to do so in a way which is not dependent on grammatical structure. (Tradução da minha responsabilidade).

O objectivo deste estudo é fazer uma análise tendo em conta a estrutura temática do texto "Rosalinda, a nenhuma" de Mia Couto. Concretamente os objectivos deste estudo podem ser apresentados da seguinte maneira:

- 1 - Analisar as estruturas discursivas do texto acima referido.
- 2 - Analisar o fenómeno da coesão textual, como é que ela é feita.

1.2. Motivação

Um dos grandes enfoques nos estudos da Linguística Aplicada é o estudo da produção e desenvolvimento dos discursos. A problemática da produção dos discursos tendo em conta o contexto de produção e desenvolvimento dos discursos, tem muitas vezes suscitado várias discussões em volta de como um discurso é, ou como um discurso deve ser tendo em conta as possíveis relações entre a forma e função.

O que nos leva a realização deste estudo é a tentativa de responder a uma pergunta feita pelo Professor da Disciplina de Linguística Aplicada no 4º Ano do Curso de Linguística (Professor Armando Lopes), aquando da Análise de Discurso, o Professor partindo de um exemplo de alguém que falava Inglês e era Professor de Inglês em Moçambique, num dado momento em Inglaterra teve dificuldades em contextualizar-se dentro de um Restaurante na Inglaterra. Não porque não sabia ou não percebia o que os outros diziam, mas porque naquele contexto a linguagem era outra. A pergunta era: *O que é saber falar uma língua?* No presente estudo pretende-se dar um contributo à pesquisa no âmbito da produção e desenvolvimento do discurso, neste caso ESCRITO.

Uma vez apresentados os objectivos e as razões do nosso estudo, na secção seguinte apresentamos a revisão bibliográfica onde sublinhamos alguns conceitos e teorias que foram usados a nossa análise do discurso.

CAPÍTULO II- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 Introdução

Na secção anterior fizemos uma breve introdução ao tema e aos objectivos deste estudo. Neste secção vamos confrontar os diferentes pontos de vista sobre o tema em estudo, isto é, vamos tratar de algumas noções teóricas que giram à volta da análise de discurso tendo em conta os dois objectivos deste estudo

Assim, iremos dividir a revisão bibliográfica em dois grupos de apresentação de teorias, pois este estudo possui duas vertentes de análise:

- (a) na primeira vertente, as teorias relacionadas com as estruturas discursivas;
- (b) na segunda, as teorias à volta da noção de coesão textual.

1.2. Estruturas discursivas

A este propósito consultámos um conjunto de autores que fazem abordagens sobre estes factos, e de maneiras muito diversas.

No campo da análise de discurso existem autores que consideram que existe apenas uma categoria discursiva, e há autores que consideram que existe mais de uma estrutura discursiva (Brown and Yule, 1983; Halliday, 1978, 1985).

Essas três estruturas são as seguintes: estrutura temática que é dirigida através de duas funções a de 'tema' e 'rema', a estrutura topical que é dirigida por duas funções 'tópico' e 'comentário' e a estrutura informacional que é dirigida também com base em duas funções, 'informação velha' (dada) e 'informação nova'.

Uma das primeiras escolas a debater-se com a questão das estruturas discursivas foi a Escola de Praga que durante a investigação sobre a ordem das palavras na língua checa, descobriu que este fenómeno é essencialmente mais determinado pela

importância da informação dos elementos no contexto do que pelas suas características gramaticais.

Usou-se assim o termo “perspectiva” para designar as combinações sintácticas nas frases e/ou orações e a etiqueta FSP (perspectiva funcional da frase) para se referir à distribuição básica do dinamismo comunicativo (elemento frásico que contribui para o desenvolvimento do acto comunicativo). Deste ponto de vista, as duas maiores categorias definidas foram o tema (definido como o elemento que normalmente é portador de menor grau de dinamismo comunicativo) e o rema (definido como o elemento portador de maior grau de dinamismo comunicativo). Estes elementos têm a função de desenvolver a comunicação. Por seu turno, a comunicação tem como objectivo informar. Visto ser este o objectivo do acto comunicativo, torna-se consensual que as frases de um texto devem exercer duas funções: serem, por um lado, informativas e, por outro, serem relevantes. O ser informativo envolve, nesta perspectiva, a presença da informação nova para o leitor e/ou ouvinte e, ser relevante envolve a associação da informação nova com a informação velha aquela que é conhecida pelo leitor e/ou ouvinte, dada pelo contexto precedente ou pela situação contextual. É com base na teoria sobre o dinamismo comunicativo dos elementos da frase que os investigadores da Escola de Praga vão diferenciar logo *a priori* a estrutura informacional da estrutura temática.

De acordo com os investigadores da Escola de Praga, esta organização subtil dos conteúdos em termos de informação ‘dada’ e ‘nova’ determina o seu dinamismo comunicativo. O que diferencia a unidade de informação (constituída por informação ‘nova’ e ‘velha’) da unidade temática (constituída por ‘tema’ e ‘rema’) é o facto de a unidade de informação estar orientada para o ouvinte/ leitor (destinatário) e a unidade temática estar orientada para o falante/ escrevente (emissor). Nesta perspectiva as



estruturas discursivas temática e informacional diferem uma da outra havendo, no entanto, muitas vezes há coincidência entre o tema e a informação velha e o rema com a informação nova.

É pelo facto de em alguns caso não existir esta coincidência que Lopes (1986: 32-9) reconhece a existência de três tipos de estruturas discursivas e propõe, para a análise, a articulação entre estas: a estrutura temática, estrutura topical e a estrutura informacional. Encontramos nestas três estruturas 'tema' e 'rema' na estrutura temática, o 'tópico' e 'comentário' na estrutura topical e, por último, a informação velha' e 'nova'. Brown e Yule⁸ (1983:126) definem o 'tema', como sendo o ponto de partida de um enunciado, elemento que se coloca mais à esquerda da frase, por outro lado, definem o 'rema' como sendo tudo aquilo que vem depois, ou aquilo que o falante diz acerca de...

Para as noções de tópico e comentário Brown and Yule⁹ (op.cit:70), defendem que o tópico é algo sobre o qual se está ou se vai falar ou escrever, e o comentário como tudo o que se diz acerca do tópico.

Para a abordagem desta questão das estruturas discursivas, Halliday¹⁰ (1978:187) afirma que "o sistema semântico está organizado num número reduzido de componentes tais que através de um componente existe um alto grau de interdependência mútua e coacção".

⁸ Theme "the starting point of the utterance" and Rheme, everything else that follows in the sentence which consists of what the speaker states about. (Tradução da minha responsabilidade).

⁹ We are primarily interested in the general pretheoretical notion of 'topic' as what is being talked about in conversation. And 'comment' is all that has been said about the topic. (Tradução da minha responsabilidade).

¹⁰ The semantic system is organized into small number of components – three or four depending on how one looks at them – such that within one component there is a high degree of interdependent and mutual constraint, whereas between components there is very little: each one is relatively independent of the others, {...} ideational, interpersonal, textual. (Tradução da minha responsabilidade).

Estes componentes são: ideacional que é a representação da nossa experiência sobre o mundo em que vivemos, bem como sobre o mundo da nossa imaginação; interpessoal consiste na utilização do significado na forma daquilo que o falante (ou escritor) faz ao ouvinte (ou leitor) através da língua; textual que diz respeito ao contexto que tanto pode ser linguístico ou situacional. É segundo esta perspectiva que Halliday (1978) vai distinguir as noções de tema-rema e tópico-comentário, em que o tema poderá incluir tanto as componentes ideacional, interpessoal e textual enquanto o tópico somente incluirá a componente ideacional.

Para Halliday¹¹ (1985:39) o tema constitui, tal como para Brown e Yule (1983), “o ponto de partida para uma mensagem ao mesmo tempo que considera o tema como sendo o elemento sobre o qual a mensagem se ocupa”, e o rema será todo o resto do enunciado que desenvolve o tema.

A perspectiva de análise de Halliday (1985) não é uma questão de ordem de ocorrência dos constituintes sintácticos que vai definir o “tema” e o “rema”, mas sim, a função dos elementos durante o acto comunicativo, onde o ‘tema’ na mensagem tem de ter uma configuração funcional como ponto de partida e tem de ser conteúdo da mensagem. É por esta razão que Halliday fundamenta-se tendo em conta a função do tema e rema na comunicação. Lopes¹²(1986:30) sobre esta problemática das estruturas discursivas afirma que “muitas vezes várias definições e caracterizações sobre que se fizeram se sobrepõem a outras noções que existem”. É nesta óptica que Lopes (1987) faz análise das estruturas discursivas tendo em conta os elementos com menor ou maior grau

¹¹ The theme is the element which serves as the point of departure of the message. It is that with which the clause is concerned. (Tradução da minha responsabilidade).

¹² There have been a proliferation of definitions and counter-definitions of these two categories. (Tradução da minha responsabilidade).

de dinamismo comunicativo, tema e rema por um lado, e a informação velha e nova, por outro, analisando assim a informatividade e relevância dos elementos da comunicação.

1.3. Coesão textual

James (1980:103-4) considera que “um texto não é apenas uma sequência casual de frases e de conteúdos relacionados: a frase aparece numa ordem fixa, e acima de tudo, existem dispositivos formais que sinalizam a natureza exacta da relação segura entre as frases sucessivas”. Desta concepção podemos constatar dois aspectos fundamentais para uma análise de discurso; o primeiro, é que as frases não aparecem de uma forma desordenada e arbitrária; o segundo é que dentro das frases existem dispositivos formais que sinalizam a natureza exacta da relação segura entre as frases.

Mateus et al. (1989:137) dizem que “todos os processos de sequencialização que assegurem (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual podem ser encarados como instrumentos de coesão”, a partir desta observação, podemos constatar que os elementos de análise de coesão textual são os elementos que estabelecem ligações e relações semânticas entre os vários elementos linguísticos durante o acto comunicativo. Deste modo, podemos estabelecer dois parâmetros: função dos elementos e a forma dos elementos o que será fundamental para o nosso estudo.

Na análise de discurso são exploradas as noções de coerência e coesão que respondem as questões da organização formal dos elementos no texto e a funcionalidade dos elementos no texto, respectivamente.

Se vários são os pontos de vista que concordam que é possível fazer uma análise do discurso de uma forma dissociada (James 1980; Halliday e Hasan, 1976; Mateus et al.

1989; Manuel,1994) entre a coesão e a coerência, Fonseca (1992) discorda destas posições. Para Fonseca (1992: 75), “os signos extensos revelam-se na interacção verbal ao mesmo tempo coerentes e coesivos: coerentes, porque o mundo neles recriado conforma-se com o mundo (real ou possível) cognitivamente ordenado; coesos, porque eles se mostram percorridos por um complexo de conexões que asseguram a sua configuração como uma unidade semântico- pragmática, conferindo-lhes ao mesmo tempo uma configuração própria de um bloco sintagmático”. É nesta óptica que Fonseca (op.cit:28) admite que para a definição clara da noção de coesão é primeiro necessário caracterizar a noção de coerência, pois estas apesar de diferentes funcionam intimamente interligadas. Sendo assim, não é possível falar-se de coesão sem ter em conta a coerência.

Na perspectiva de Halliday e Hasan (1976:6) os elementos linguísticos que estabelecem as relações coesivas são encontrados em dois grandes grupos: gramatical e lexical. Antes de abordar esta questão importa primeiro salientar que estes dois grupos integram-se no que os autores designaram de '*texture*' (textura).

Halliday e Hasan¹³ (1999:2) definem a textura como um complexo de propriedades caracterizadoras de um texto. Um texto tem a textura e é isso que distingue um texto de algo que não seja texto. Combustanciam, a textura, nos traços que fazem deste um produto verbal um todo semântico unificado como tal, funcionando globalmente numa situação de comunicação, em que se insere de forma adequada. É nesta perspectiva que na visão de Halliday e Hasan (op.cit:8), o texto surge como um contínuum de

¹³ The concept of texture is entirely appropriate to express the property of 'being a text'. Text has texture, and this is what distinguishes it from something that is not text. (Tradução da minha responsabilidade).

significados no texto. Assim todos nexos semânticos que se estabelecem entre os enunciados formam a textura.

Ao fazer análise da textura Halliday e Hasan (1976) definem dois tipos: a externa que diz respeito aos factores externos que afectam a escolha linguística feita pelo falante ou escrevente, e que têm a ver com a natureza da audiência, o propósito da comunicação entre outros e; por outro lado, à textura interna que diz respeito a organização sequencial intrínseca do texto e ao sintagma imanente. Esta textura interna manifesta-se a três níveis diferentes :

(a) - A nível supra-EN como uma macro-estrutura do texto, que o torna um texto de um certo tipo particular, ou seja, a estrutura do discurso.

(b) - A nível do EN(ou intra-EN) como estrutura que é interna à frase,- ou seja de certa dimensão da organização interna do enunciado, considerado, no seu papel como a realização de um texto. Halliday e Hasan (1976) consideram, a organização do enunciado em termos de tema e rema e a sua estruturação em termos de articulação de unidade de informação.

(c) - A nível inter- EN como um complexo de laços semânticos que conectam os enunciados (contíguos ou não contíguos) nexos que preenchem o que designam de coesão. A coesão, assim, diz respeito imediatamente às conexões semânticas entre os enunciados sintacticamente independentes.

Deste modo, a coesão refere-se aos sentidos existentes no seio de um texto, conceito que concorre para a continuidade que percorre e unifica todos os sentidos verbais como uma mensagem global, realizada através de uma sequência de orações ou frases. Assim, dizem os autores que existe a coesão quando a interpretação de um elemento na frase depende da interpretação de um outro no discurso.

É no nível (c) que se situam os elementos que estabelecem a coesão textual. Visto isto, importa agora fazer menção aos dois grupos que estabelecem as relações coesivas: a coesão gramatical é aquela que é representada por elementos membros de sistemas fechados da língua e a lexical, aquela que é representada por elementos de sistemas abertos que operam por contiguidade semântica. Estes caracterizam-se pela co-presença de traços semânticos idênticos ou opostos. Nestes dois grande grupos podemos encontrar vários elementos seus caracterizadores. Na coesão gramatical encontramos referência, substituição, elipse, conjunção. Na coesão lexical, encontramos a reiteração e a colocação.

Passemos de seguida à caracterização destes diferentes elementos: (a) gramaticais:

1-Referência - neste tipo de coesão é preciso entender-se que estamos a lidar com laços de co-referência textual que se situam a nível semântico, onde as relações estabelecidas se encontram nos sentidos dos elementos envolvidos, fazendo com que dessa relação retire-se o sentido referencial, a identidade semântica do elemento ou classe que se está a referir.

Pode a referência ser anafórica, quando diz respeito ao texto anterior ou catafórica quando diz respeito ao texto posterior.

2-Substituição - diz respeito à substituição no texto de um elemento por outro que seja, no entanto, da mesma classe sintáctica com a mesma função do elemento substituído. Ela pode ser nominal, verbal ou oracional.

3- Elipse - diz respeito a omissão no texto de um elemento, seja ele nominal, verbal ou oracional, adverbial existindo, no entanto, o pressuposto de existência de algum elemento que aparece no texto anterior que se tornará fonte da informação omitida.

4- Conjunção - os elementos da conjunção expressam por inerência dos seus sentidos específicos, certos sentidos que pressupõem a presença de outros componentes no discurso, especificando a forma como o texto posterior se liga com o anterior.

Podem as conjunções ser aditivas, adversativas, causais, temporais e também outros elementos chamados de continuativos que pertencem, predominantemente ao discurso falado.

Encontramos elementos que fazem parte do segundo grupo que estabelece as relações coesivas: lexical, neste encontramos os seguintes componentes;

1-Reiteração - envolve a repetição ou uso de um elemento lexical diferente que seja sistematicamente relacionado a um outro para se referir a um elemento lexical que se encontra no mesmo texto. Ela pode ser realizada através de:

a)- Classe de nome comum que é um pequeno grupo de nomes com referência generalizada no seio de classes nominais maiores.

b)- Repetição que envolve a repetição do mesmo elemento lexical. No entanto, não é necessário que o segundo elemento seja uma repetição exacta do primeiro.

c)- Sinonímia

d)- Elemento superordenado.

2- Colocação- é a coesão que é estabelecida através da associação de elementos lexicais que normalmente co-ocorrem por meio de alguma relação lexico-semântica reconhecida.

As relações neste tipo de coesão são estabelecidas através de pares relacionados de diversas formas, por exemplo através da oposição, relações todo-parte, parte-parte e muito mais

Nesta secção abordamos alguns conceitos teóricos que nos conduzirão durante o processo de análise de dados para o estudo anteriormente proposto. Assim, na próxima

secção debruçaremos sobre quadro teórico no qual nos baseámos para o desenvolvimento deste estudo.

CAPITULO III - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Introdução

Na secção anterior debruçamo-nos sobre um conjunto de teorias que giram em volta do estudo da análise de discurso. Nesta secção iremos fazer o enquadramento teórico, isto é, apresentamos o quadro teórico sobre o qual acentará o nosso estudo.

1.2. Estrutura Temática

Iremos desenvolver o presente estudo tendo em conta a perspectiva dos conceitos teóricos propostos por Halliday (1985) no processo de análise de discurso. Como tal, desenvolveremos o estudo tomando em consideração a dicotomia tema/rema por este autor apresentada, isto é, considerando o tema como sendo o ponto de partida de um enunciado, o elemento sobre o qual a mensagem se preocupa. Assim, o tema poderá apresentar-se de diversas formas, poderá o tema ser um elemento nominal, verbal, adverbial, proposicional, conjuntivo, oracional, equativas, relativas conjunções e muito mais, dependendo do que ele é: nome, verbo, oração, conjunção advérbio etc. Para Halliday (1985: 39-40), que o tema não é somente um Nome ele poderá ser um Advérbio ou uma frase preposicional.

Ao se abordar a questão sobre os temas relativos teremos de ter em conta o facto de a equativa ser uma oração de um modo particular. Segundo Halliday¹⁴ (1985: 41), “é na equativa temática onde todos os elementos estão organizados dentro de ‘*equal sign*’ (signos iguais) expressas por alguma forma do verbo estar ou ser”. É uma estrutura

¹⁴ This is a particular kind of clause, a thematic equative, which is a form of “identifying” clause. In thematic equative, all the elements are organized into two constituents; these two are linked by a relationship of identity, a kind of equal sign expressed by some form of the verb be. (Tradução da minha responsabilidade).

- (6). Verbal : Roubaram um carro muito novo.
- (7). Conjuncional: Deste modo, não se produz nada.
- (8). Equativa: O que o Pedro fez foi partir o vidro.
- (9). Adverbial: Hoje, corremos mais do que ontem.
- (10). Relacional: tal que, fracturou a perna na queda.
- (11). Oracional: se não chover vamos a praia muito cedo.
- (12). Relativas: achei o pau que o Pedro perdeu.
- Quem cedo corre cedo tropeça

Podemos constatar nestes exemplos que os temas são os pontos de partida dos enunciados. Todavia, vimos antes o ponto de vista de Halliday (1985: 287) segundo o qual “a estrutura temática só por si não é suficiente para constituir um texto pois, para que uma sequência de orações ou complexos oracionais possam constituir um texto é necessário algo mais (...) é necessário também tornar explícitas as relações externas entre uma oração e outra. E essas relações são realizadas através de elementos da coesão textual que se situam no meio das estruturas temáticas”.



1.3. Coesão Textual

Os elementos da coesão textual situam-se no meio das estruturas temáticas. É neste sentido que iremos discutir a coesão textual. Foi-nos proposto por Halliday (1985) um conjunto de elementos que estão por dentro da coesão, alias, a perspectiva de análise à coesão textual de Halliday e Hasan¹⁵ (1999:4) é uma perspectiva semântica, razão pela qual os autores afirmam que “existe a coesão textual quando a interpretação de um

¹⁵ Cohesion occurs where the interpretation of some element in the discourse is dependent on that of another. (Tradução da minha responsabilidade)

elemento no texto depende da interpretação de um outro elemento". Assim, um texto será um contínuo semântico. Por outro lado, um conceito básico na análise da coesão textual, segundo Halliday e Hasan¹⁶ (1999:229), é o 'tie' (laço) que "é uma noção complexa, pois ele não só integra o elemento coesivo (ele próprio), mas também aquilo que é pressuposto por ele. Laço é interpretado como a relação entre estes dois elementos".

Porém, a interpretação de um elemento no texto é feita consoante uma certa distância entre os laços. Assim um coesão poderá ser por um laço 'imediato' quando se relaciona uma frase ou um elemento seu com aquele que a precede ou se lhe segue imediatamente, e também quando ambos os elementos na pressuposição encontram-se na mesma frase.

Poderá ser por um laço 'mediato' quando as ocorrências a pressupor estão numa série, uma a pressupor outra' e a actuarem como intermediárias. Por último a coesão será remota quando ela não se estabelece nem imediatamente nem mediatamente. Veja-se o pequeno exemplo extraído de Manuel, (1994:21):

(13). O João bocejou e olhou para o relógio (1). Não gostou do que viu (2). Depois ele esfregou os olhos preguiçosamente e tornou a olhar para o relógio (3). O nosso jovem ficou mais uma vez com a sensação de que este estava parado (4). A hora do intervalo nunca mais chegava e na sala de aulas, não se ouvia som algum senão o do professor (5). Até parecia que era o único estudante que lá estava (6). Contudo, quando tocou, João foi o último a sair da sala de aulas (7).

¹⁶ A tie is a complex notion, because it includes not only the cohesive element itself but also that which is presupposed by it. (Tradução da minha responsabilidade).

Segundo Manuel (1994:22), neste trecho podemos identificar, em termos de distância, um laço imediato entre o João e o ele-elidido em “não gostou do que viu” entre as frases 1 e 2 respectivamente, ou entre o relógio e este em 3 e 4 respectivamente, ou mesmo entre som e o, ambos na frase 5. exemplo de um laço mediato é o representado por o nosso jovem na frase 4 que pressupõe na série, ele em 3, o ele-elidido em 2 até chegarmos ao João na frase 1. um laço simultaneamente remoto e mediato é o representado por ele na frase 6. Este laço encontra pressuposição não na frase 6, em que o precede imediatamente, mas sim em duas frases mais acima. O pressuposto é, assim, o nosso jovem na frase 4, que por sua vez tem seus pressupostos em frases acima. Finalmente, um laço remoto pode ser identificado na frase 7 em quando tocou que estabelece ligação com a hora do intervalo na frase 5.

Estas são as distâncias entre os elementos da coesão que podemos encontrar no texto.

Ao nível da coesão textual trataremos de demonstrar como é que é feita a coesão, tendo em conta a distância entre os elementos coesivos dentro do texto. Temos de ter em conta logo *a priori* ao facto de se estabelecerem relações coesivas dentro do texto com uma dada relação estabelecida entre os elementos.

Nesta secção fizemos a apresentação do quadro teórico em que nos baseamos para o desenvolvimento do estudo da análise de discurso. Tratamos da dicotomia tema vs rema, sendo o tema considerado como o ponto de partida de um enunciado, como o elemento com que a mensagem se preocupa. E o rema como sendo todo o resto no discurso que contribui para o seu desenvolvimento. Tratamos da noção de coesão textual segundo a perspectiva semântica definida por Halliday e Hasan segundo o qual existe coesão quando a interpretação de um elemento no texto depende da interpretação de um

outro elemento no texto e essa interpretação é feita por laços a uma certa distância.

Sendo assim, olharemos para o texto como um continuum semântico.

CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DESCRIÇÃO DE DADOS

1.1. Introdução

Nas secções precedentes, fizemos primeiro uma breve introdução do tema em estudo, de seguida fizemos a respectiva revisão bibliográfica sobre o tema respondendo aos dois objectivos pretendidos para este estudo. Após a revisão bibliográfica fizemos o enquadramento teórico onde damos a conhecer o quadro teórico sobre o qual o estudo será sustentado. Na secção seguinte iremos fazer uma análise dos dados, contudo importa salientar que:

- a) - Na análise das estruturas discursivas optaremos pela perspectiva de análise de Halliday, segundo a qual o tema/rema são a base da estrutura discursiva na análise do discurso.
- b) - Na análise e descrição da coesão textual, optaremos pela perspectiva de Halliday segundo a qual existe coesão quando a interpretação de um elemento na frase depende da interpretação de um outro no discurso.

1.2. Análise da estrutura discursiva: estrutura temática

O tema é o ponto de partida para uma mensagem, ao mesmo tempo que ela é o elemento sobre o qual a mensagem se preocupa. Por outro lado, o rema é todo o restante componente do enunciado que desenvolve o tema. A noção de tema não se identifica com a posição sintáctica dos constituintes na frase mas, com a função do mesmo no discurso. Assim, no texto "Rosalinda, a nenhuma" temos a seguinte disposição da estrutura temática:

TEMA	REMA	
1. T1	R1	Oracional

2. T2	R2	Nominal
3. T3	R3	Oracional
4. T4	R4	Circunstancial
5. T5	R5	Nominal
6. T6	R6	Nominal
7. T7	R7	Conjuncional
8. T8	R8	Nominal
9. T9	R9	Oracional
10. T10	R10	Nominal
11. T11	R11	Oracional
12. T12	R12	Relacional
13. T13	R13	Circunstancial
14. T14	R14	Oracional
15. T15 (R14)	R15	Conjuncional
16. T16	R16	Nominal
17. T17	R17	Oracional
18. T18	R18	Circunstancial
19. T19	R19	Circunstancial
20. T20 (R19)	R20	Conjuncional
21. T21	R21	Conjuncional
22. T22	R22	Oracional
23. T23	R23	Circunstancial
24. T24	R24	Circunstancial
25. T25	R25	Nominal

26. T26	R26	Circunstancial
27. T27	R27	Nominal
28. T28	R28	Nominal
29. T29	R29	Conjuncional
30. T30	R30	Nominal
31. T31	R31	Nominal
32. T32	R32	Oracional
33. T33	R33	Oracional
34. T34	R34	Oracional
35. T35	R35	Conjuncional
36. T36	R36	Relacional/introductorio
37. T37	R37	Circunstancial
38. T38	R38	Oracional
39. T39	R39	Conjuncional
40. T40	R40	Oracional
41. T41	R41	Nominal
42. T42	R42	Nominal
43. T43	R43	Oracional
44. T44	R44	Nominal
45. T45	R45	Nominal
46. T46	R46	Nominal
47. T47	R47	Oracional
48. T48	R48	Nominal
49. T49	R49	Nominal

50.T50	R50	Nominal
51.T51	R51	Conjuncional
52. T52	R52	Oracional
53.T53	R53	Oracional
54.T54	R54	Nominal
55. T55	R55	Nominal
56. T56	R56	Conjuncional
57. T57	R57	Circunstancial
58. T58	R58	Nominal
59. T59	R59	Circunstancial
60. T60	R60	Circunstancial
61. T61	R61	Nominal
62. T62	R62	Conjuncional
63. T63	R63	Oracional
64. T64	R64	Circunstancial
65. T65	R65	Oracional
66. T66	R66	Nominal
67. T67	R67	Conjuncional
68. T68	R68	Circunstancial
69. T69	R69	Circunstancial
70. T70	R70	Nominal
71. T71	R71	Oracional
72. T72	R72	Nominal
73. T73	R73	Circunstancial

74. T74	R74	Nominal
75. T75	R75	Nominal
76. T76	R76	Relacional/introdutório
77. T77	R77	Circunstancial
78. T78	R78	Circunstancial
79. T79	R79	Nominal
80. T80	R80	Circunstancial
81. T81	R81	Circunstancial
82. T82	R82	Circunstancial
83. T83	R83	Circunstancial
84. T84	R84	Nominal
85. T85	R85	Nominal
86. T86	R86	Circunstancial
87. T87	R87	Relacional/introdutório
88. T88	R88	Nominal
89. T89	R89	Conjuncional
90. T90	R90(T89)	Circunstancial
91. T91	R91	Conjuncional
92. T92	R92	Circunstancial
93. T93	R93	Circunstancial
94. T94	R94	Circunstancial
95. T95	R95	Nominal
96. T96	R96	Nominal
97. T97	R97	Circunstancial

98. T98	R98	Nominal
99. T99	R99	Nominal
100. T100	R100	Nominal
101. T101	R101	Circunstancial
102. T102	R102	Nominal
103. T103	R103	Oracional
104. T104	R104	Nominal
105. T105	R105	Conjuncional
106. T106	R106	Nominal
107. T107	R107	Circunstancial
108. T108	R108	Nominal
109. T109	R109	Oracional
110. T110	R110	Circunstancial
111. T111	R111	Nominal
112. T112	R112	Circunstancial
113. T113	R113	Nominal
114. T114	R114	Relacional/introdutório
115. T115	R115	Conjuncional
116. T116	R116	Nominal
117. T117	R117	Nominal
118. T118	R118	Conjuncional
119. T119	R119	Nominal
120. T120	R120	Nominal
121. T121	R121	Oracional

122. T122	R122	Nominal
123. T123	R123	Nominal
124. T124	R124	Oracional
125. T125	R125	Oracional
126. T126	R126	Nominal
127. T127	R127	Nominal
128. T128	R128	Conjuncional
129. T129	R129	Oracional
130. T130	R130	Nominal
131. T131	R131	Oracional
132. T132	R132	Conjuncional
133. T133	R133	Nominal
134. T134	R134	Conjuncional
135. T135	R135	Oracional
136. T136	R136	Oracional
137. T137	R137	Nominal
138. T138	R138	Conjuncional
139. T139	R139	Conjuncional
140. T140	R140	Oracional
141. T141	R141	Circunstancial
142. T142	R142	Conjuncional
143. T143	R143	Oracional
144. T144	R144	Circunstancial
145. T145	R145	Oracional

146. T146	R146	Conjuncional
147. T147	R147	Nominal
148. T148	R148	Oracional
149. T149	R149	Nominal
150. T150	R150	Circunstancial
151. T151	R151	Nominal
152. T152	R152	Oracional
153. T153	R153	Relacional/introductorio
154. T154	R154	Nominal
155. T155	R155	Conjuncional
156. T156	R156	Oracional
157. T157	R157	Circunstancial
158. T158	R158	Circunstancial
159. T159	R159	Nominal
160. T160	R160	Nominal
161. T161	R161	Circunstancial
162. T162	R162	Circunstancial
163. T163	R163	Nominal
164. T164	R164	Conjuncional
165. T165	R165	Conjuncional
166. T166	R166	Circunstancial
167. T167	R167	Conjuncional
168. T168	R168	Nominal
169. T169	R169	Nominal

170. T170	R170	Relacional
171. T171	R171	Conjuncional
172. T172	R172	Circunstancial
173. T173	R173	Oracional
174. T174	R174	Oracional
175. T175	R175	Oracional
176. T176	R176	Circunstancial
177. T177	R177	Oracional
178. T178	R178	Circunstancial
179. T179	R179	Conjuncional
180. T180	R180	Nominal
181. T181	R181	Conjuncional
182. T182	R182	Nominal
183. T183	R183	Nominal
184. T184	R184	Conjuncional
185. T185	R185	Nominal
186. T186	R186	Oracional
187. T187	R187	Relacional
188. T188	R188	Nominal

O presente texto, ora analisado, contém um total de 188 temas, um dos quais é recuperação de tema para tema T20(T19), o T20 é um tema conjuncional que é recuperado de um outro tema T19, que por sua vez é circunstancial. Por outro lado, podemos encontrar também, 2 (duas) instâncias (sim e não) que pelo seu

valor semântico são ao mesmo tempo temas e remas, veja-se os casos T49, T144. A ocorrência destes temas é feita da seguinte forma:

Nominais	69
Circunstanciais	40
Oracionais	39
Conjuncionais	32
Relacionais	8

Como podemos verificar dos nossos dados há uma ocorrência maior de temas nominais, seguido de tema circunstanciais, oracionais, conjuncionais e por último os relacionais. Estes são temas, elementos sobre o qual a mensagem se preocupa, o ponto de partida de um enunciado usados no processo de construção do texto como uma unidade discursiva. Ao depararmos com estes dados uma questão pertinente pode se levantar: que importância têm estes dados no processo comunicativo? Os dados acima descritos são importantes porque são elementos a partir dos quais são iniciados a elaboração dos enunciados. Assim podemos observar que este discurso desenvolve-se a partir de um maior uso de temas nominais 69 o que corresponde a 37% do total dos temas. A introdução de um tema nominal muitas vezes procura introduzir uma nova mensagem em relação aos factos a serem narrados isto é, procura proporcionar um outro desenvolvimento co-textual (referimo-nos aqui ao desenvolvimento dos factos dentro da narração), dado que os nomes pela suas características são elementos que desencadeiam, praticam acções e têm maior poder de referenciar os acontecimentos, quando eles aparecem como elementos com que a mensagem se preocupa irão praticar acções (desenvolver um rema), importa salientar que não estamos a falar de funções (sujeito

e/ou complemento directo, ou indirecto) do nome, mas sim da sua ocorrência na posição de tema .

Os circunstanciais aparecem como sendo a segunda maior ocorrência de temas(40) o que corresponde a uma percentagem de 21% do total dos temas, porque tem o poder de indicar, localizar um certo espaço e tempo das ocorrências das acções e visto que se trata de um texto narrativo¹⁷ (texto em que se narra um acontecimento situado no tempo e espaço) ocorrerão com muita frequência pois estes necessitam de situar as acções praticadas pelos nomes num dado tempo e espaço, daí que se justifica serem a segunda maior ocorrência de temas.

Os temas oracionais são também em conjunto com os circunstâncias a segunda maior ocorrência com um total de 21% do total dos temas, pese embora a sua ocorrência seja de 39 vezes, serão na maioria dos casos as acções realizadas pelos nomes. Estes temas são os que de uma forma geral trazem informação nova sempre que aparecem. Estes aparecem muitas vezes como formas verbais conjugadas (com indicações de pessoa, tempo, número), mas com a entidade que pratica a acção (sujeito) sem uma realização lexical¹⁸ (quando o elemento seleccionado por um predicador não tem uma realização fonética na estrutura sintáctica).

Os temas conjuncionais são os que aparecem como sendo os de terceira maior ocorrência com 32 temas o que corresponde a 17% do total dos temas. Estes elementos expressam sentidos específicos, certos sentidos que pressupõem a presença de outros componentes no discurso, especificando a forma como o texto posterior se liga com o anterior.

Vide: REIS, C (1992) *Dicionário de Narratologia*. Almedina. Lisboa.

¹⁸Vide: RAPOSO, E. P (1992:327).

Os temas relacionais (4%) têm pouca frequência porque estas muitas vezes dão a conhecer uma relação de implicação entre o que está a ser dito e o que foi dito, por outro lado, estes temas são pouco frequentes porque em relação aos outros temas, com excepção aos conjuncionais, são temas que não permitem um maior desenvolvimento dos seus remas, conseqüentemente, não haverá um maior desenvolvimento dos conteúdos da mensagem. Em termos de desenvolvimento do texto este tema não contribui com muita força para o desenvolvimento textual.

Deste modo, os Temas nominais e oracionais, circunstanciais conjuncionais e relacionais serão elementos que se encarregam pela introdução de novos elementos com que as mensagens se devem preocupar no texto, o que permite através dos Remas desses mesmos Temas dar o desenvolvimento da mensagem parcial (entenda-se por mensagem parcial ao conjunto de alguns elementos retóricos que se relacionam, mas não formando conjunto de enunciados que se tornam uma unidade de significado

Por outro lado, o facto de a recuperação temática verificada nos casos em que existe ser maior na recuperação de rema para tema demonstra a necessidade de uma maior progressão textual, o que não aconteceria se a recuperação maioritária verificada fosse de tema para tema, pois se sabe que são os remas quem desenvolvem o acto comunicativo, assim ao se fazer uma recuperação de um rema para um tema permite a introdução de um novo rema e conseqüente desenvolvimento do acto comunicativo.

1.3. Coesão Textual

Na secção anterior fizemos uma descrição da estrutura temática onde procuramos responder a duas questões previamente formuladas. Nesta secção procuramos descrever como é feita a relação e ligação entre os diferentes elementos retóricos usados no

discurso. Vimos que existe coesão quando a interpretação de um elemento constituinte do discurso depende da interpretação de um outro elemento no mesmo discurso. Assim, procuramos aqui demonstrar como é que é feita esta coesão no texto.

No texto podemos encontrar os seguintes elementos coesivos:

N	Elemento Coesivo	Tipo	Dt°	Elemento Pressuposto	n/f
2	Senhora	GSN	Ci	Mulher	1
3	# sofria	GEN	Ci	Rosalinda	1
4	# já fora esbelta	GEN	Crn	Rosalinda	1
5	Magreza sucedida em seu tempos	GSO	Ci	Já fora esbelta	4
6	Pois que	GCC	Ci	Magreza sucedida em seus tempos	5
7	Rosalinda	GRP	Cr	Rosalinda	1
8	# mascava mulala	GEN	Ci	Rosalinda	1
9	As mulheres Gordas	GSN	Cr	Rosalinda	1
10	# fazem lembrar	GEN	Ci	As mulheres gordas	9
11	que	LSN	Ci	Os bois	10
12	ela	LSN	Cr	Rosalinda	7
13	# Visitava	GEN	Ci	ela	12
14	E isso	GCA	Ci	Visitava o cemitério	13
15	A campa do falecido marido	LCO	Ci	Cemitério	14
16	# condizia como lugar ... traseiras da vida.	GEO	Ci	A campa do falecido do...fundo do cemitério	15
17	Rosalinda	GRP	Cr	Rosalinda	7
18	ela	GSO	Ci	Rosalinda	17
19	E ali	GCA	Ci	Já no lugar	18

20	Assim	GCA	Ci	E ali...sozinha do defunto	19
21	Rosalinda	GRP	Cr	Rosalinda	17
22	Ela	GSN	Ci	Ela	21
23	ela	LSN	Cr	Ela	22
24	Jacinto, grande sacana	LCO	Ci	...ela se memorizava:	23
25	Ela	LSN	Ci	ela	23
26	Lhe	LSN	Ci	ela	25
27	Mas quem...o sabor das amargas lembranças	GCAAd	Ci	ela se memorizava	23/24
28	Tu me amarraste a vida	LCO	Cr	ela se memorizava	23
29	Me forneceste de porrada	LCO	Cr	ela se memorizava	23
30	Ela	GRP	Cr	ela	23
31	O Jacinto	LSN	Cr	Jacinto	24
32	Se é que... forma de garrafa	LCO	Cr	Jacinto só jurara fidelidade as garrafas	15
33	Para mais	GCA	Ci	Ele	31
34	Se	GRP	Ci	ele	33
35	# chegava a casa	GEN	Cr	ele	33
36	seus	GRP	Ci	ele	33
37	ele	LSN	Cr	ele	33
38	# falava	GEN	Cr	ele	33
39	Porque	GCC	Ci	falava assim só para lhe magoar	38
40	# frequentou	GEN	Cr	ele	33
41	laurindinha estou-te a explicar-me	LCO	Cr	falava assim só para lhe magoar	38
42	a vida não vale as penas	LCO	Ci	laurindinha estou-te a explicar-me	41
43	Não sou...letras me cansam demais	LCO	Ci	laurindinha estou-te a explicar-me	41
44	Eu sou um fruto	LCO	Cr	laurindinha estou-te a	41

45	Um fruto mesma coisa caju	LCO	Crn	explicar-me laurindinha estou-te a	41
46	Fruto	LSN	Ci	explicar-me fruto	45
47	Responde, Laurindinha	LCO	Ci	alguém ensina um fruto a ficar maduro?	46
48	Caju	LCO	Ci	Fruto	46
49	Ninguém	LCO	Ci	Alguém	46
50	Ele	GSN	Ci	Caju	48
51	Então	GCC	Ci	Ele	50
52	# não é	GEN	Ci	Terra	51
53	esses	LSN	Ci	esses	52
54	esses	LSN	Ci	esses	52
55	# ardem	GEN	Crn	esses	52
56	Rosalinda	GRP	Cr	esses	41
57	“Aquela era conversa prévia ... porrada”	LCO	Crn	só sei ler nos copos...já sabia	41/56
58	mal que	GCT	Ci	Rosalinda sabia...Porrada	56/57
59	ele	GRP	Cr	Ele	50
60	# cansado ser gente	GEO	Ci	Depois ele saía	60
61	Jacinto	GRP	Crn	ele	59
62	Olhos dele	LCO	Ci	Jacinto	61
63	# já nada viam	GEN	Ci	os olhos dele	61
64	O silêncio governava a sala	LCO	Ci	Mesmo no leito... mundo	62
65	Nem palavra ousava mexer-se	LCO	Ci	O silêncio governava a sala	62
66	Mas	GCAAd	Ci	O silêncio governava a sala	62
67	“não lhe fechem os olhos”	LCO	Ci	uma voz ordenou	64
68	Um espanto arrepiou os todos	LCO	Ci	uma voz ordenou: não lhe fechem os olhos	64/65

69	Rosalinda	GRP	Cr	Rosalinda	56
70	Esse homem está a espera de alguém	LCO	Ci	Uma voz ... não lhe fechem os olhos	65
71	e foi assim	GCA	Ci	Uma voz ... espera de alguém.	65
72	# atento	GEN	Ci	Jacinto	65
73	Laurinda	GRP	Ci	Laurinda	69
74	# fizera	GRP	Cr	Laurinda	71
75	você vai ter com as mulheres escangalhado?	GSN	Cr	Jacinto	65
76	# deixa que	GEN	Ci	Você	73
77	A boca	LCO	Ci	<i>Você vai... arrumo bonito</i>	76
78	No caso	GRD	Ci	A boca é esconderijo do coração	77
79	Ela	GRP	Ci	Laurindinha	75
80	Ela	GRP	Ci	Ela	77
81	Elas	LSN	Cr	mulhres	73
82	Rosalinda	GRP	Ci	ela	73
83	Ela	GSN	Ci	ela	75
84	Lhe	GSN	Cr	ela	83
85	enquanto # orava	GEN	Cr	ela	82
86	ela	GRP	Cr	ela	82
87	Afinal, Jacinto meu Jacinto	LCO	Ci Ci	se descobriu apaixonada	83
88	Amor certo	LCO	Ci	Se descobriu apaixonada	83
89	Morto	LSN	Cr	Com a trepassagem	86
90	Afinal	GCT	Cr	Morto sem cura... remédio	89
91	# se despe	GEN	Ci	Viuvez	90
92	Rosalinda	GRP	Ci	Ela	90
93	Ela	GSN	Ci	Rosalinda	92
94	Sim	GEO	Ci	Então... do seu coração?	93

95	Jacinto	GRP	Ci	Homem	93
96	Ele	GRP	Ci	Jacinto	95
97	Ele	LSN	Crm	Jacinto	92
98	Rosalinda	GRP	Ci	Rosalinda	93
99	Ele	GRP	Ci	Jacinto	93
100	Jacinto	GRP	Crm	Jacinto	93
101	Só um retrato podia ser assim tão fiel	LCO	Ci	Jacinto estava ... no imagino pensamento	100
102	O triste consolo	LCO	Ci	Jacinto estava ... no imagino pensamento	100
103	Jacinto	GRP	Ci	Jacinto	100
104	As outras	LSN	Cr	Mulheres	83
105	Elas	LSN	Ci	As outras	104
106	Mulher perversa	LCO	Crm	As outras	104
107	Laurinda	LSN	Cr	Rosalinda	98
108	A vida que...coisa de inacabado Juiza	LCO	Ci	Laurinda, agora, concebia:	107
109	E aceitava	GCA	Ci	Laurinda...inacabado juízo	107
110	Teu nome...duas mentiras	LCO	Ci	E aceitava...velhas	109
111	Nem Rosa , nem Linda	LCO	Ci	injúrias:	
112	Ela	GRP	Crm	Laurinda	107
113	# suspirava	GEN	Ci	Laurinda	107
114	ela	LSN	Crm	Ela	109
115	A gorda	GSN	Crm	Ela	109
116	# já não joelhava	GEN	Ci	a gorda Rosalinda	107
117	isto é	GRD	Cr	joelhava	116
118	ela	LSN	Ci	a gorda	115
119	mas	GCAAd	Ci	Rosalinda...matrimónio	1à117
120	Rosalinda	GRP	Ci	Ela	118
121	A estranha	GSN	Crm	Uma moça bela e ligeirenta	116

122	A estranha	LSN	Crn	A estranha	114
123	Rosalinda	LSN	Ci	Rosalinda	120
124	Seus olhos	LCO	Ci	Rosalinda	115
125	Aquela	GRD	Cr	A estranha	120
126	# nunca usara capulana	GEN	Ci	A estranha	121
127	essa	GRP	Crn	A estranha	120
128	A viúva	GRP	Cr	Rosalinda	123
129	# não pisava	GEN	Crn	Viúva	120
130	# parou	GEN	Crn	viúva	120
131	a outra	GSN	Cr	Estranha	120
132	Rosalinda	GRP	Ci	Viúva	123
133	<i>E você, Jacinto</i>	LCO	Cr	<i>dele</i>	128
134	# gozaste	GEN	Ci	<i>Você</i>	133
135	Rosalinda	GRP	Cr	Rosalinda	132
136	# dirigiu-se	GEN	Ci	Rosalinda	135
137	e	GCA	Ci	Dirigiu-se ao serviço funerário	137
138	A senhora	GSN	Ci	Rosalinda	135
139	E logo	GCA	Ci	A senhora pretende ... restos mortais?	132
140	Viúva	GRP	Ci	Senhora	139
141	Empregado	GRP	Ci	Funcionário	139
142	A viúva	LSN	Cr	A viúva	
143	# se fingiu	GEN	Ci	A viúva	135
144	Pois	GCC	Ci	Mas... se fingiu de vencida	138
145	# voltou	GEN	Ci	Ela	144
146	miúdo	GRP	Ci	Sobrinho	
147	<i>"Mas tia é para fazer o que?"</i>	LCO	Ci	O miúdo se assustou:	139
148	<i>Desenterrar o titio jacinto?</i>	LCO	Ci	<i>...é para fazer o que?</i>	147

149	Ela	GRP	Cr	Ela	144
150	Era só para ... tumulos.	LCO	Ci	<i>é para fazer o que?</i>	147
151	Salomão	GRP	Cr	Sobrinho	144
152	A viúva	GRP	Cr	ela	145
153	<i>"Eu sempre: ...acende"</i>	LCO	Crn	covando ela própria:	146
154	Jacinto	GRP	Ci	Jacinto	
155	Agora, só eu sei...a verdadeira	LCO	Ci	Só para trocarem as tabuletas	147 144
156	Rosalinda	GSN	Cr	A viúva	152
157	# se administrou	GEN	Ci	Rosalinda	156
158	lhe	GRP	Crn	Rosalinda	156
159	a outra	LSN	Cr	A outra	131
160	porque	GCC	Ci	Que dedicasse...morte anexa	133
161	ela	GRP	Cr	Rosalinda	161
162	A intrusa	LSN	Cr	A outra	152
163	E	GCA	Ci	No dia seguinte a intrusa compareceu	156
164	Rosalinda	GSN	Ci	Ela	161
165	Ela	GSN	Ci	Rosalinda	164
166	<i>Em vida me enganaram</i>	LCO	Ci	Se benzia mais para si que para deus	165
167	<i>Agora, é meu troco</i>	LCO	Ci	Se benzia mais para si que para deus	165
168	Rosalinda	GRP	Ci	se benzia	164
169	E foi por tempos	GCA	Ci	se vingava	168
170	Ela	LSN	Ci	Rosalinda	168
171	Antes eu sempre desconsegui	LCO	Ci	Ela pensou:	170
172	Sempre fui nada	LCO	Ci	Ela pensou:	170
173	Mas	GCA _d	Ci	Sempre fui nada	172

174	Rosalinda	GRP	Cr	Ela	168
175	Ela	LSN	Cr	Rosalinda	174
176	lá onde	GSN	Cr	Além da morte	176
177	E	GCA	Ci	Rosalinda ...destino nenhum	175/6
178	Rosalinda	GRP	Ci	Rosalinda	174
179	Vamos	LCO	Ci	Saltava sonoras risadas	178
180	Jacinto vamos beber...	LCO	Cr	Saltava sonoras risadas	178
181	# entornava	GEN	Cr	Rosalinda	178
182	# servia-se	GEN	Ci	Rosalinda	178
183	# brigava	GEN	Cr	Rosalinda	178
184	<i>deixa os livros marido</i>	LCO	Ci	Às tantas brigava:	183
185	# quer estudar	LCO	Ci	Às tantas brigava:	183
186	e	GCA	Ci	Saltava sonoras risadas	178
187	Seus risos	LCO	Cr	Saltava sonoras risadas	178
188	Mas depois	GCA	Ci	Seus sorrisos inacreditados ... cantos do cemitério	187
189	A viúva	GRP	Cr	Rosalinda	178
190	Suas gargalhadas	LSN	Cr	Sonoras risadas	
191	e	GCA	Ci	Suas gargalhadas...das almas	190
192	aquela	GRD	Ci	gorda mulher	191
193	lhe	GSN	Ci	gorda mulher	191
194	onde	GSN	Ci	lugar sombrio	193
195	Rosalinda	GSN	Ci	gorda mulher	191

Ao olharmos para estes dados uma outra questão se poderá levantar: qual a relação entre o elemento coesivo e o elemento pressuposto? A conectividade (existe a conectividade quando a interpretação de um elemento X no texto depende da

interpretação de um outro elemento Y no texto) entre os diversos enunciados será assegurada pelos elementos pressupostos (elemento/s do enunciado anterior que estabelece uma certa relação entre o que se diz no enunciado presente e o que se disse antes) e elementos coesivos (elemento/s do enunciado/s presente que estabelece(m) uma relação com o que se disse antes no enunciado anterior). Serão estes elementos pressupostos e coesivos que servirão de laços coesivos. tendo este laços coesivos cria-se a conectividade entre os diversos elementos do texto. Deste modo, cria-se uma relação de inter-relacionamento entre os diversos enunciados, procurando deste modo criar-se a unidade semântica que forma um todo (mensagem global).

Os laços coesivos relacionam-se como dissemos anteriormente a partir de certas distancias entre os elementos pressupostos e os elementos coesivos. Para o presente texto podemos afirmar que a distância entre os elementos coesivos e os elementos pressupostos de uma forma geral, podemos considerar que tem sido imediata. Nos casos em que as distâncias entre os elementos coesivos e pressupostos não é imediata, a segunda maior ocorrência é de uma distância mediata e por último, uma remota.

CAPÍTULO V - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O presente estudo tinha como objectivo fazer analisar a estrutura temática e demonstrar como é que é feita a coesão textual no texto "Rosalinda, a nenhuma". Para o alcance destes objectivos usou-se a perspectiva de estudo segundo os pontos de vista de Halliday (1985), quando analisamos a estrutura temática. Podemos constatar desta forma, que o texto desenvolve-se a partir dos temas nominais, oracionais, circunstanciais, conjuncionais e relacionais. Destes temas há que salientar que os temas oracionais de uma forma geral são os que ocorrem possuídos de uma nova informação. Por outro lado, os temas conjuncionais vão aparecer para demonstrarem como é que os enunciados anteriores se vão relacionar com os enunciados que se seguem. Os temas circunstanciais apareceram para descrever e/ou caracterizar as acções, espaços em que decorrem acções da narrativa. Os temas nominais serão os potenciais referenciadores agentes praticadores das acções que se desenvolvem no texto.

Foi dito antes que existe coesão quando a interpretação de um elemento X no enunciado depende da interpretação de um elemento Y. No presente estudo podemos observar que a interpretação do elemento coesivo depende da interpretação do elemento pressuposto, assim sendo, podemos afirmar que este texto possui coesão uma textual.

Este estudo não constitui um estudo fechado pois, como no início afirmámos, nós realizamos o estudo segundo os pontos de vista de Halliday. Assim, vários outros estudos poderão ser efectuados sobre este mesmo texto tendo em conta outras perspectivas de análise.

CAPÍTULO VI – BIBLIOGRAFIA

BROWN, G. e YULE, G.(1983). *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.

COULTHARD, M (1977). *An Introduction to Discourse Analysis*. London: Longman.

DUCROT, O e TODOROV, T (1991). *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa: Don Quixote.

ENKVIST, N. E. (1987). Text linguistics for the applier: An orientation. In Connor, U. e Kaplan, R. B. (eds.) (1987). *Writing Across Languages: Analysis of L2 Text*. Addison-Wesley Pub.Comp. Inc.

FARIA, I. H, PEDRO, E. R, GOVEIA, C. A. M. (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

FONSECA, J. (1992). *Linguística e Texto/Discurso: Teoria, Descrição e Aplicação*. Lisboa: Instituto de Cultura de Língua Portuguesa.

HALLIDAY, M.A.K. (1978). *Language as Social Semiotics*. London: Edward Arnold.

HALLIDAY, M.A.K. (1985). *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold.

HALLIDAY, M.A.K. e HASSAN, R (1976). *Cohesion in English*. 1ª edição. London: Longman.

HALLIDAY, M.A.K. e HASSAN, R (1999). *Cohesion in English*. 16ª edição. London: Longman.

HYMES, D. (1972). On communicative competence. In Pride, J. B. e Holmes, J. (eds.) (1972). *Sociolinguistics: Selected Readings*. Harmondsworth: Penguin.

JAMES, C (1980). *Contrastive Analysis*. London: Longman.

LOPES, A.J. (1986). Interlingual discourse: Mozambican-Portuguese to English. Tese de Doutoramento (não publicada), University of Wales, Grã-Bretanha.

LOPES, A.J. (1987). The role of prior language on target language discourse processing. Comunicação apresentada à II Conferência da LASU (Linguistics Association for SADC Universities). Sumário publicado em *The Second Conference Report*. Editado por: A. Pongweni.

MANUEL, C. (1994). Aspectos contrastivos na retórica do discurso científico em Português e Inglês. Dissertação de Licenciatura (não publicada), Faculdade de Letras, Universidade Eduardo Mondlane.

MATEUS, M. H. M, BRITO, A. M, DUARTE, I, FARIA, I. H. (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

COUTO, M (1999). Rosalinda, a nenhuma. In COUTO, M (1999). *Cada Homem é Uma Raça*. Lisboa. Caminho

MURPHY, R.F. (1989). *Cultural and Social Anthropology: An Overture*. New Jersey: Prentice Hall.

RAPOSO, E. P. (1992). *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho

REIS, C. e LOPES, A. C. M. (1990). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.

WIDDOWSON, H. G. (1983). *Learning Purpose and Language User*. Oxford: Oxford University Press.

ANEXOS -VII

Anexo I

Texto: **Rosalinda, a nenhuma**

Rosalinda era mulher retaguardada, fornecida de assento. Senhora de muita polpa, carnes aquém e além roupa. Sofria de tanto volume que se sentava no próprio peso, superlativa. Já fora esbelta, dessas mulheres que explicam o amor. Magreza sucedida em seus tempos. Pois que desde que enviuvou, ela se desentretreu, esquecida de ser. Rosalinda, agora, se cansava de tanta hora: mascava mulala¹⁹, enrolando a saliva-laranja. As mulheres gordas não zagam com a vida: fazem lembrar os bois que nunca esperam tragédias.

No desfolhar das tardes, ela se aprovava em triste rotina. Visitava o cemitério. E isso fazia muito diariamente. A campa do falecido marido, o Jacinto, ficava bem no fundo do cemitério. Condizia com o lugar que ele sempre tivera, nas traseiras da vida. De passo miúdo, Rosalinda rumava entre as moradias subterreas, vacilando como se magoasse em sua própria sombra. Já no lugar, ela em si se joelhava, vencendo as pernas. E ali se deixava, na companhia sozinha do defunto.

Assim se foram prostrando as datas, anos suados, anos somados. Rosalinda se antepassava, tantos eram os parentes já enroscados no grande sono. Só ela restava, em retroactivos pensamentos. Junto à campa, ela se emoriava:

- *Jacinto, grande sacana.*

Com gesto terno, ela alisava a areia, afagando lembranças. Deus lhe punisse, Deus adoecesse. Mas quem explicava aquela saudade do sofrimento, o doce sabor de amargas lembranças?

- *Tu me mamarraste a vida, me forneceste de porrada.*

Ela estava de razão: O Jacinto só jurara fidelidade às garrafas. Se é que partira, sua alma devia ter viajado em forma de garrafa. Para mais, ele nos amores se multiplicara, retribuindo-se às tantas mulheres. Quando chegava a casa, noite imprópria, já seus lábios estavam cegos. A esta hora, dizia ele, só sei ler nos copos. Falava assim só para lhe magoar. Porque ele se matriculara na escola nocturna, cumprindo promessa de mudar de vida. Frequentou as aulas mas só por poucas noites. Lauridinha: estou-te a explicar-me. A



vida não vale as penas. Não sou um homem de escola, as letras me casam de mais. Eu sou m fruto, Laurinda. Um fruto, mesma coisa o caju. Alguém ensina um fruto a ficar maduro? Responde, Laurinda. Alguém explica alguma coisa ao caju? Ninguém. Ele só recebe lições da terra. Então, um homem só tem que ficar bem em cima do chão, beneficiar das completas raízes. Não é como esses que deixam a terra, vão para o estrangeiro, acabam por nem sentir o chão que pisam. Esses são lenha seca: Um pedacito de fogo e ardem logo.

Rosalinda já sabia. Aquela era conversa prévia dos murros, prefácio de porrada. Mal que surgisse o fundo da garrafa, as palavras davam lugar à pontapesaria. Depois, ele saía, farto de ser marido, cansado de ser gente.

Jacinto, enfim, só dava despesa no coração da doce Laurinda. Mesmo no leito da morte, os olhos dele, recém-falecidos, teimavam em espreitar o mundo. Já nada viam. O silêncio governava a sala, nem palavra ousava mover-se. Mas quando alguém se aprontou a descer as pálpebras do defunto uma voz se ordenou:

- *Não lhe fechem os olhos!*

Um espanto arrepiou os todos. Rosalinda desceu o rosto, evitando o sujo da vergonha.

- *Esse homem ainda está à espera de alguém.*

E foi assim que Jacinto se abismou, de vista aberta, atento aos encontros do porvir. Mesmo sabendo da eterna infidelidade, Laurinda lhe destinou a mais perfumosa roupa. De igual como fizera em vida, ajeitando-lhe as aparências, antes dele sair:

- *Você vai ter com as mulheres, assim escangalhado? Deixa que eu lhe arrumo bonito.*

A boca é o esconderijo do coração? No caso, até nem. Ela encarecia o marido com sincera vontade. As outras não pensassem que ela não cumpria cuidados de esposa. Que no gozo de Jacinto elas respeitassem a mão de sua vaidosa obra.

Agora, na interrupção da vida dele, Rosalinda tudo lembrava com benevolência. Com a trespassagem, ela tudo perdoou: mulheres, copos compridas ausências. A bondade lhe surgia logo na primeira reza, na berma do túmulo. Enquanto orava, sua alma amolecia.

¹⁹Mulala - raiz de planta usada para limpeza dos dentes e que tingem de laranja os lábios e gengivas dos que dela se servem habitualmente

Depois dos améns, ela se descobriu apaixonada, por estreia na estreia da vida. Afinal, o Jacinto meu Jacinto.

- *Amor certo é mais que único.*

Morto sem cura, amor sem remédio. Afinal, quanto a viuvez tem de orfandade? Quanto se despe a existência, deixando a pessoa de umbigo na mão? (86) Os outros admiravam-se da gorda Rosalinda. Então só depois do homem falecer é que ela lhe coroara em trono do seu coração? Sim. Também só agora ela dispunha totalmente de Jacinto, só agora ele lhe pertencia inteiro, exclusivo. Afinal, aqueles olhos que ele levara escancarados estavam destina dos só para ela. Só para mim, se indemnizava Rasalinda. Ele nunca mais se repartiria por colo alheio. Jacinto estava garantido em imaginoso juramento. Só um retrato podia ser assim tão fiel.

O triste consolo nela se confirmava a morte de Jacinto não era mais que o matrimónio que sempre cismara. As outras, rivais, se esvoaram, gajas e momentâneas. De repente, elas não eram mais que um sopro de lábios esquecidos. Mulher perversa não se preserva. Laurinda, agora, concebia: a vida que juntos despenderam foi um simples noivado, coisa de inacabado juízo. E aceitava, sem mágoa, a lembrança de sas velhas injúrias:

- *Teu nome, Rosalinda, são duas mentiras.*

Afinal, nem rosa, nem linda.

Ela, em sorriso, comemorava. Suspira em maré de alma, vaziano-se. No tardio presente, ela toda se dedicava a Jacinto, em subterrâneo namoro. A gorda se derramava como sumo de fruto tombado. Já não joelhava. Isto é viúvo. Que ela agora se bonitava, lustrando seu recente matrimónio.

Mas foi um dia. Rosalinda comprava flores quando viu chegar ma moça bela e ligeirenta. A estranha se abeirou da campa de Jacinto e ali se prostrou, em mostrada tristeza. Rosalinda estranhou-se. Seus olhos se moeram, a menos ver que adivinhar. Aquela era ma jovem muito concreta, suprametida. Via-se que nunca usara capulana, sempre dispensara mulalas.

- *Essa deve ser Dorinha, a outra última dele.*

A viúva chegou-se mais perto mas sem se fazer ver. Não pisava fora das pegadas. Parou em campa vizinha, ficou espreitando, emboscada em seus próprios olhos. A outra

exibia um punhado de lágrimas, pouco peso de saudade. Rosalinda amaldiçoou a lacrimaruja.

- E você, Jacinto, aí em baixo do chão, aposto que está a rir. Bem gozaste em vida, fidamãe: agora, acabou-se as brincadeiras.

Rosalinda se decidiu, pronta e toda. Dirigiu-se ao serviço funerário e solicitou que mudassem o lugar do caixão, trocassem o "aqui jaz".

- A senhora pretende transladar os restos mortais?

E, logo, o funcionário lhe mostrou os longos papéis que a superavam. A viúva insistiu: era só uma mudançazita, uns metritos. O empregado explicou, havia as competências, os deferimentos. A viúva desistiu. Mas apenas se fingiu vencida. Pois ela se enchera de um novo pensamento. Voltou à noitinha, trazendo Salomão, o sobrinho. Às vistas da intenção, o miúdo se assustou:

- Mas, tia, é para fazer o quê? Desenterrar o titio Jacinto?

Não, sossego ela. Era só para trocarem as inscrições dos vizinhos túmulos. Mesmo assim, Salomão tremia mais que a luzinha do xipefo²⁰. A viúva tomou dianteira, covando ela própria:

- Eu sempre disse: lume pedido nunca acende.

Jacinto, translapidado, devia de se admirar daquelas andanças. Agora, só eu sei qual é sua verdadeira tabuleta, malandro. Rosalinda sacudiu as mortais poeiras, se administrou o devido perdão. Que esse gesto de aldrabar a intrusa lhe fosse minimizado por Deus. A outra paraviúva que dedicasse seus ranhos ao vizinho, o de morte anexa. Porque aqueles olhos de Jacinto, aqueles olhos que a terra se abstinha de comer, só a ela, Rosa e Linda, estavam destinados.

Aconteceu como ela previra. No dia seguinte, a intrusa compareceu e entregou seu sentimento à campá errada. Rosalinda nutria-se de risos, enquanto espiava o equívoco. Ela se benzia, mais para si que para deus:

- Em vida me enganaram. Agora, é o meu troco.

Rosalinda, a esposa póstuma, se vingava. E foi por tempos, o ajuste. Então, um dia, ela pensou: antes, eu sempre desconsigui. Sempre fui nada. Mas agora eu sinto meus poderes. Rosalinda se enchia de crença, ela mexia para além da morte, lá onde já não

²⁰Xipefo - lamparina

havia destino nenhum. E, assim, ela acreditava entender um juízo sem dimensão. Pelas ruínas do cemitério, Rosalinda saltava sonoras risadas.

- *Vamos. Jacinto vamos beber xicádju*²¹.

Entornava aguardente num invisível copo, servia-se de ocultas carícias. Às tantas, brigava:

- *Deixa os livros, marido. Agora é que quer estudar?*

E empurrava ninguém. eus risos, inacreditados, ainda uns tempos estremeceram os mudos cantos do cemitério. Mas depois, os outros, cumpridores de seriedade, temeram suas desordens. A viúva desconhecia os métodos da, suas gargalhadas incomodavam o sagrado repouso repouso das almas.

E levaram gorda mulher, aquela que foi viúva antes de ter sido esposa. Levaram-lhe para um lugar sombrio onde ela se converteu em ausência. Rosalinda, por fim, se promoveu a nenhuma.

²¹ Xicádju - aguardente de caju.

Anexo - II

Estrutura temática – Numeração de temas

Rosalinda, a nenhuma

(1) Rosalinda era mulher retaguardada, fornecida de assento. (2) Senhora de muita polpa, carnes aquém e além roupa. (3) Sofria de tanto volume que se sentava no próprio peso, superlativa. (4) Já fora esbelta, (5) dessas mulheres que explicam o amor. (6) Magreza sucedida em seus tempos. (7) Pois que desde que enviuvou, ela se desentretou, esquecida de ser. (8) Rosalinda, agora, se cansava de tanta hora: (9) mascava mulala²², enrolando a saliva-laranja. (10) As mulheres gordas não zagam com a vida: (11) fazem lembrar os bois (12) que nunca esperam tragédias.

(13) No desfolhar das tardes, ela se aprovava em triste rotina. (14) Visitava o cemitério. (15) E isso fazia muito diariamente. (16) A campa do falecido marido, o Jacinto, ficava bem no fundo do cemitério. (17) Condizia com o lugar que ele sempre tivera, nas traseiras da vida. (18) De passo miúdo, Rosalinda rumava entre as moradias subterreas, vacilando como se magoasse em sua própria sombra. (19) Já no lugar, ela em si se joelhava, vencendo as pernas. (20) E ali se deixava, na companhia sozinha do defunto.

(21) Assim se foram prostrando as datas, anos suados, anos somados. (22) Rosalinda se antepassava, (23) tantos eram os parentes já enroscados no grande sono. (24) Só ela restava, em retroactivos pensamentos. (25) Junto à campa, ela se memoriava:

- (26) Jacinto, grande sacana.

(27) Com gesto terno, ela alisava a areia, afagando lembranças. (28) Deus lhe punisse, (29) Deus adoecesse. (30) Mas quem explicava aquela saudade do sofrimento, (31) o doce sabor de amargas lembranças?

- (32) Tu me mamarraste a vida, me forneceste de porrada.

(33) Ela estava de razão: O Jacinto só jurara fidelidade às garrafas. (34) Se é que partira, sua alma devia ter viajado em forma de garrafa. (35) Para mais, ele nos amores se multiplicara, retribuindo-se às tantas mulheres. (36) Quando chegava a casa, noite imprópria, já seus lábios estavam cegos. (37) A esta hora, dizia ele, só sei ler nos copos. (38) Falava assim só para lhe magoar. (39) Porque ele se matriculara na escola nocturna,

cumprindo promessa de mudar de vida. (40) Frequentou as aulas mas só por poucas noites. (41) Lauridinha: estou-te a explicar-me. (42) A vida não vale as penas. (43) Não sou um homem de escola, as letras me casam de mais. (44) Eu sou m fruto, Laurinda. (45) Um fruto, mesma coisa o caju. (46) Alguém ensina um fruto a ficar maduro? (47) Responde, Laurinda. (48) Alguém explica alguma coisa ao caju? (49) Ninguém. (50) Ele só recebe lições da terra. (51) Então, um homem só tem que ficar bem em cima do chão, beneficiar das completas raízes. (52) Não é como esses que deixam a terra, vão para o estrangeiro, acabam por nem sentir o chão que pisam. (53) Esses são lenha seca: Um pedacito de fogo e ardem logo.

(54) Rosalinda já sabia. (55) Aquela era conversa prévia dos murros, prefácio de porrada. (56) Mal que surgisse o fundo da garrafa, as palavras davam lugar à pontapesaria. (57) Depois, ele saía, farto de ser marido, cansado de ser gente.

(58) Jacinto, enfim, só dava despesa no coração da doce Laurinda. (59) Mesmo no leito da morte, os olhos dele, recém-falecidos, teimavam em espreitar o mundo. (60) Já nada viam. (61) O silêncio governava a sala, nem palavra ousava mover-se. (62) Mas quando alguém se aprontou a descer as pálpebras do defunto uma voz se ordenou:

- (63) Não lhe fechem os olhos!

(64) Um espanto arrepiou os todos. Rosalinda desceu o rosto, evitando o sujô da vergonha.

- (65) Esse homem ainda está à espera de alguém.

(66) E foi assim que Jacinto se abismou, de vista aberta, atento aos encontros do porvir. (67) Mesmo sabendo da eterna infidelidade, Laurinda lhe destinou a mais perfumosa roupa. (68) De igual como fizera em vida, ajeitando-lhe as aparências, antes dele sair:

-(69) Você vai ter com as mulheres, assim escangalhado? Deixa que eu lhe arrumo bonito.

(70) A boca é o esconderijo do coração? (71) No caso, até nem. (72) Ela encarecia o marido com sincera vontade. (73) As outras não pensassem que ela não cumpria cuidados de esposa. (74) Que no gozo de Jacinto elas respeitassem a mão de sua vaidosa obra.

²²Mulala - raiz de planta usada para limpeza dos dentes e que tingem de laranja os lábios e gengivas dos que dela se servem habitualmente

(75) Agora, na interrupção da vida dele, Rosalinda tudo lembrava com benevolência. (76) Com a trespassagem, ela tudo perdoou: mulheres, copos compridas ausências. (77) A bondade lhe surgia logo na primeira reza, na beirada do túmulo. (78) Enquanto orava, sua alma amolecia. (79) Depois dos améns, ela se descobriu apaixonada, por estreia na estreia da vida. (80) Afinal, o Jacinto meu Jacinto.

- (81) Amor certo é mais que único.

(82) Morto sem cura, (83) amor sem remédio. (84) Afinal, quanto a viuvez tem de orfandade? (85) Quanto se despe a existência, deixando a pessoa de umbigo na mão? (86) Os outros admiravam-se da gorda Rosalinda. (87) Então só depois do homem falecer é que ela lhe coroara em trono do seu coração? (88) Sim. (89) Também só agora ela dispunha totalmente de Jacinto, (90) só agora ele lhe pertencia inteiro, exclusivo. (91) Afinal, aqueles olhos que ele levava escancarados estavam destinados só para ela. (92) Só para mim, se indenizava Rosalinda. (93) Ele nunca mais se repartiria por colo alheio. (94) Jacinto estava garantido em imaginoso juramento. (95) Só um retrato podia ser assim tão fiel.

(96) O triste consolo nela se confirmava (97) a morte de Jacinto não era mais que o matrimônio que sempre cismara. (98) As outras, rivais, se esvoaram, gajas e momentâneas. (99) De repente, elas não eram mais que um sopro de lábios esquecidos. (100) Mulher perversa não se preserva. (101) Laurinda, agora, concebia: a vida que juntos despenderam foi um simples noivado, (102) coisa de inacabado juízo. (103) E aceitava, sem mágoa, a lembrança de suas velhas injúrias:

- (104) Teu nome, Rosalinda, são duas mentiras.

(105) Afinal, nem rosa, nem linda.

(106) Ela, em sorriso, comemorava. (107) Suspira em maré de alma, vazando-se. (108) No tardio presente, ela toda se dedicava a Jacinto, em subterrâneo namoro. (109) A gorda se derramava como sumo de fruto tombado. (110) Já não joelhava. (111) Isto é viúvo. (112) Que ela agora se bonitava, lustrando seu recente matrimônio.

(113) Mas foi um dia. (114) Rosalinda comprava flores quando viu chegar a moça bela e ligeirinha. (115) A estranha se abeirou da campa de Jacinto (116) (117) e ali se prostrou, em mostrada tristeza. (118) Rosalinda estranhou-se. (119) Seus olhos se moeram, a menos ver que adivinhar. (120) Aquela era a jovem muito concreta, suprametida. (121) Via-se que nunca usara capulana, sempre dispensara mulalãs.

- (122) *Essa deve ser Dorinha, a outra última dele.*

(123) A viúva chegou-se mais perto mas sem se fazer ver. (124) Não pisava fora das pegadas. (125) Parou em campa vizinha, ficou espreitando, emboscada em seus próprios olhos. (126) A outra exibia um punhado de lágrimas, pouco peso de saudade. (127) Rosalinda amaldiçoou a lacrimaruja.

-(128) *E você, Jacinto, aí em baixo do chão, aposto que está a rir.*(129) *Bem gozaste em vida, fidamãe: agora, acabou-se as brincadeiras.*

(130) Rosalinda se decidiu, pronta e toda. (131) Dirigiu-se ao serviço funerário e solicitou que mudassem o lugar do caixão, trocassem o "aqui jaz".

-(132) *A senhora pretende transladar os restos mortais?*

(133) E, logo, o funcionário lhe mostrou os longos papéis que a superavam. (134) A viúva insistiu: era só uma mudançazita, uns meritos.(135) O empregado explicou, havia as competências, os deferimentos. (136) A viúva desistiu. (137) Mas apenas se fingiu vencida.(138) Pois ela se enchera de um novo pensamento. (139) Voltou à noitinha, trazendo Salomão, o sobrinho. (140) Às vistas da intenção, o miúdo se assustou:

-(141) *Mas, tia, é para fazer o quê?*(142) *Desenterrar o titio Jacinto?*

(143) Não, sossego ela.(144) Era só para trocarem as inscrições dos vizinhos túmulos. (145) Mesmo assim, Salomão tremia mais que a luzinha do xipefo²³. (146) A viúva tomou dianteira, covando ela própria:

-(147) *Eu sempre disse: lume pedido nunca acende.*

(148) Jacinto, translapidado, devia de se admirar daquelas andanças. (149) Agora, só eu sei qual é sua verdadeira tabuleta, malandro.(150) Rosalinda sacudiu as mortais poeiras, (151)se administrou o devido perdão. (152) Que esse gesto de aldrabar a intrusa lhe fosse minimizado por Deus.(153) A outra paraviúva que dedicasse seus ranhos ao vizinho, o de morte anexa. (154) Porque aqueles olhos de Jacinto, aqueles olhos que a terra se abstinha de comer, só a ela, Rosa e Linda, estavam destinados.

²³Xipefo - lamparina

(155) Aconteceu como ela previra. (156) No dia seguinte, a intrusa compareceu e entregou seu sentimento à campã errada. (157) Rosalinda nutria-se de risos, enquanto espiava o equívoco. (158) Ela se benzia, mais para si que para deus:

- (159) Em vida me enganaram. (160) Agora, é o meu troco.

(161) Rosalinda, a esposa póstuma, se vingava. (162) E foi por tempos, o ajuste. (163) Então, um dia, ela pensou: antes, eu sempre desconsuei. (164) Sempre fui nada. (165) Mas agora eu sinto meus poderes. (166) Rosalinda se enchia de crença, (167) ela mexia para além da morte, (168) lá onde já não havia destino nenhum. (169) E, assim, ela acreditava entender um juízo sem dimensão. (170) Pelas ruínas do cemitério, Rosalinda saltava sonoras risadas.

-(171) Vamos. *Jacinto vamos beber xicádju*²⁴.

(172) Entornava aguardente num invisível copo, (173) servia-se de ocultas carícias. (174) Às tantas, brigava:

- (175) Deixa os livros, marido. (176) Agora é que quer estudar?

(177) E empurrava ninguém. (178) Seus risos, inacreditados, ainda uns tempos estremeceiam os mudos cantos do cemitério. (179) Mas depois, os outros, cumpridores de seriedade, temeram suas desordens. (180) A viúva desconhecia os métodos da, suas gargalhadas incomodavam o sagrado repouso das almas.

(181) E levaram gorda mulher, (182) aquela que foi viúva antes de ter sido esposa. (183) Levaram-lhe para um lugar sombrio (184) onde ela se converteu em ausência. (185) Rosalinda, por fim, se promoveu a nenhuma.

²⁴Xicádju - aguardente de caju.

Anexo - III

Coesão Textual – Numeração de Frases

Rosalinda, a nenhuma

(1) Rosalinda era mulher retaguardada, fornecida de assento. (2) Senhora de muita polpa, carnes aquém e além roupa. (3) Sofria de tanto volume que se sentava no próprio peso, superlativa. (4) Já fora esbelta, dessas mulheres que explicam o amor. (5) Magreza sucedida em seus tempos. (6) Pois que desde que enviuvou, ela se desentretou, esquecida de ser. (7) Rosalinda, agora, se cansava de tanta hora: (8) mascava mulala²⁵, enrolando a saliva-laranja. (9) As mulheres gordas não zagam com a vida: (10) fazem lembrar os bois (11) que nunca esperam tragédias.

(12) No desfolhar das tardes, ela se aprovava em triste rotina. (13) Visitava o cemitério. (14) E isso fazia muito diariamente. (15) A campa do falecido marido, o Jacinto, ficava bem no fundo do cemitério. (16) Condizia com o lugar que ele sempre tivera, nas traseiras da vida. (17) De passo miúdo, Rosalinda rumava entre as moradias subterreas, vacilando como se magoasse em sua própria sombra. (18) Já no lugar, ela em si se joelhava, vencendo as pernas. (19) E ali se deixava, na companhia sozinha do defunto.

(20) Assim se foram prostrando as datas, anos suados, anos somados. (21) Rosalinda se antepassava, tantos eram os parentes já enroscados no grande sono. (22) Só ela restava, em retroactivos pensamentos. (23) Junto à campa, ela se memoriava:

- (24) *Jacinto, grande sacana.*

(25) Com gesto terno, ela alisava a areia, afagando lembranças. (26) Deus lhe punisse, Deus adoecesse. (27) Mas quem explicava aquela saudade do sofrimento, o doce sabor de amargas lembranças?

- (28) *Tu me mamarraste a (29) vida, me forneceste de porrada.*

(30) Ela estava de razão: (31) O Jacinto só jurara fidelidade às garrafas. (32) Se é que partira, sua alma devia ter viajado em forma de garrafa. (33) Para mais, ele nos amores se multiplicara, (34) retribuindo-se às tantas mulheres. (35) Quando chegava a casa, noite imprópria, (36) já seus lábios estavam cegos. (37) A esta hora, dizia ele, só sei ler nos copos. (38) Falava assim só para lhe magoar. (39) Porque ele se matriculara na escola

nocturna, cumprindo promessa de mudar de vida. (40) Frequentou as aulas mas só por poucas noites. (41) Laurinha: estou-te a explicar-me. (42) A vida não vale as penas. (43) Não sou um homem de escola, as letras me casam de mais. (44) Eu sou m fruto, Laurinda. (45) Um fruto, mesma coisa o caju. (46) Alguém ensina um fruto a ficar maduro? (47) Responde, Laurinda. (48) Alguém explica alguma coisa ao caju? (49) Ninguém. (50) Ele só recebe lições da terra. (51) Então, um homem só tem que ficar bem em cima do chão, beneficiar das completas raízes. (52) Não é como esses que deixam a terra, vão para o estrangeiro, (53) acabam por nem sentir o chão que pisam. (54) Esses são lenha seca: (55) Um pedacito de fogo e ardem logo.

(56) Rosalinda já sabia. (57) Aquela era conversa prévia dos murros, prefácio de porrada. (58) Mal que surgisse o fundo da garrafa, as palavras davam lugar à pontapesaria. (59) Depois, ele saía, farto de ser marido, (60) cansado de ser gente.

(61) Jacinto, enfim, só dava despesa no coração da doce Laurinda. (62) Mesmo no leito da morte, os olhos dele, recém-falecidos, teimavam em espreitar o mundo. (63) Já nada viam. (64) O silêncio governava a sala, (65) nem palavra ousava mover-se. (66) Mas quando alguém se aprontou a descer as pálpebras do defunto uma voz se ordenou:

- (67) *Não lhe fechem os olhos!*

(68) Um espanto arrepiou os todos. (69) Rosalinda desceu o rosto, evitando o sujo da vergonha.

- (70) *Esse homem ainda está à espera de alguém.*

(71) E foi assim que Jacinto se abismou, de vista aberta, (72) atento aos encontros do porvir. (73) Mesmo sabendo da eterna infidelidade, Laurinda lhe destinou a mais perfumosa roupa. (74) De igual como fizera em vida, ajeitando-lhe as aparências, antes dele sair:

-(75) *Você vai ter com as mulheres, assim escangalhado? (76) Deixa que eu lhe arrumo bonito.*

(77) A boca é o esconderijo do coração? (78) No caso, até nem. (79) Ela encarecia o marido com sincera vontade. (80) As outras não pensassem que ela não cumpria cuidados de esposa. (81) Que no gozo de Jacinto elas respeitassem a mão de sua vaidosa obra.

²⁵Mulala - raiz de planta usada para limpeza dos dentes e que tingem de laranja os lábios e gengivas dos que dela se

(82) Agora, na interrupção da vida dele, Rosalinda tudo lembrava com benevolência. (83) Com a trespassagem, ela tudo perdoou: mulheres, copos compridas ausências. (84) A bondade lhe surgia logo na primeira reza, na beirada do túmulo. (85) Enquanto orava, sua alma amolecia. (86) Depois dos améns, ela se descobriu apaixonada, por estreia na estreia da vida. (87) Afinal, o Jacinto meu Jacinto.

- (88) *Amor certo é mais que único.*

(89) Morto sem cura, amor sem remédio. (90) Afinal, quanto a viuvez tem de orfandade? (91) Quanto se despe a existência, deixando a pessoa de umbigo na mão? (92) Os outros admiravam-se da gorda Rosalinda. (93) Então só depois do homem falecer é que ela lhe coroara em trono do seu coração? (94) Sim. (95) Também só agora ela dispunha totalmente de Jacinto, (96) só agora ele lhe pertencia inteiro, exclusivo. (97) Afinal, aqueles olhos que ele levara escancarados estavam destinados só para ela. (98) Só para mim, se indenizava Rosalinda. (99) Ele nunca mais se repartiria por colo alheio. (100) Jacinto estava garantido em imaginoso juramento. (101) Só um retrato podia ser assim tão fiel.

(102) O triste consolo nela se confirmava, (103) a morte de Jacinto não era mais que o matrimônio que sempre cismara. (104) As outras, rivais, se esvoaram, gajas e momentâneas. (105) De repente, elas não eram mais que um sopro de lábios esquecidos. (106) Mulher perversa não se preserva. (107) Laurinda, agora, concebia: (108) a vida que juntos despenderam foi um simples noivado, coisa de inacabado juízo. (109) E aceitava, sem mágoa, a lembrança de suas velhas injúrias:

- (110) *Teu nome, Rosalinda, são duas mentiras.*

(111) *Afinal, nem rosa, nem linda.*

(112) Ela, em sorriso, comemorava. (113) Suspira em maré de alma, vazando-se. (114) No tardio presente, ela toda se dedicava a Jacinto, em subterrâneo namoro. (115) A gorda se derramava como sumo de fruto tombado. (116) Já não joelhava. (117) Isto é viúvo. (118) Que ela agora se bonitava, lustrando seu recente matrimônio.

(119) Mas foi um dia. (120) Rosalinda comprava flores quando viu chegar a moça bela e ligeirinha. (121) A estranha se abeirou da campa de Jacinto (122) e ali se prostrou, em mostrada tristeza. (123) Rosalinda estranhou-se. (124) Seus olhos se moeram, a menos

ver que adivinhar. (125) Aquela era ma jovem muito concreta, suprametida. (126) Via-se que nunca usara capulana, sempre dispensara mulalás.

- (127) *Essa deve ser Dorinha, a outra última dele.*

(128) A viúva chegou-se mais perto mas sem se fazer ver. (129) Não pisava fora das pegadas. (130) Parou em campa vizinha, ficou espreitando, emboscada em seus próprios olhos. (131) A outra exibia um punhado de lágrimas, pouco peso de saudade. (132) Rosalinda amaldiçoou a lacrimaruja.

-(133) *E você, Jacinto, aí em baixo do chão, aposto que está a rir.*(134) *Bem gozaste em vida, fidamãe: agora, acabou-se as brincadeiras.*

(135) Rosalinda se decidiu, pronta e toda. (136) Dirigiu-se ao serviço funerário e (137) solicitou que mudassem o lugar do caixão, trocassem o "aqui jaz".

(138) *A senhora pretende transladar os restos mortais?*

(139) E, logo, o funcionário lhe mostrou os longos papéis que a superavam. (140) A viúva insistiu: era só uma mudançazita, uns metritos.(141) O empregado explicou, havia as competências, os deferimentos. (142) A viúva desistiu. (143) Mas apenas se fingiu vencida.(144) Pois ela se enchera de um novo pensamento. (145) Voltou à noitinha, trazendo Salomão, o sobrinho. (146) Às vistas da intenção, o miúdo se assustou:

-(147) *Mas, tia, é para fazer o quê?*(148) *Desenterrar o titio Jacinto?*

(149) Não, sossego ela.(150) Era só para trocarem as inscrições dos vizinhos túmulos. (151) Mesmo assim, Salomão tremia mais que a luzinha do xipefo²⁶. (152) A viúva tomou dianteira, covando ela própria:

-(153) *Eu sempre disse: lume pedido nunca acende.*

(154) Jacinto, translapidado, devia de se admirar daquelas andanças. (155) Agora, só eu sei qual é sua verdadeira tabuleta, malandro.(156) Rosalinda sacudiu as mortais poeiras, (157)se administrou o devido perdão. (158) Que esse gesto de aldrabar a intrusa lhe fosse minimizado por Deus.(159) A outra paraviúva que dedicasse seus ranhos ao vizinho, o de morte anexa. (160) Porque aqueles olhos de Jacinto, aqueles olhos que a terra se abstinha de comer, só a ela, Rosa e Linda, estavam destinados.

²⁶Xipefo - lamparina

(161) Aconteceu como ela previra. (162) No dia seguinte, a intrusa compareceu (163) e entregou seu sentimento à campã errada. (164) Rosalinda nutria-se de risos, enquanto espiava o equívoco. (165) Ela se benzia, mais para si que para deus:

- (166) *Em vida me enganaram.* (167) *Agora, é o meu troco.*

(168) Rosalinda, a esposa póstuma, se vingava. (169) E foi por tempos, o ajuste. (170) Então, um dia, ela pensou (171) antes, eu sempre desconsigui. (172) Sempre fui nada. (173) Mas agora eu sinto meus poderes. (174) Rosalinda se enchia de crença, (175) ela mexia para além da morte, (176) lá onde já não havia destino nenhum. (177) E, assim, ela acreditava entender um juízo sem dimensão. (178) Pelas ruínas do cemitério, Rosalinda saltava sonoras risadas.

- (179) *Vamos.* (180) *Jacinto vamos beber xicádju*²⁷.

(181) Entornava aguardente num invisível copo, (182) servia-se de ocultas carícias. (183) Às tantas, brigava:

- (184) *Deixa os livros, marido.* (185) *Agora é que quer estudar?*

(186) E empurrava ninguém. (187) Seus risos, inacreditados, ainda uns tempos estremeçeram os mudos cantos do cemitério. (188) Mas depois, os outros, cumpridores de seriedade, temeram suas desordens. (189) A viúva desconhecia os métodos da, (190) suas gargalhadas incomodavam o sagrado repouso repouso das almas.

(191) E levaram gorda mulher, (192) aquela que foi viúva antes de ter sido esposa. (193) Levaram-lhe para um lugar sombrio (194) onde ela se converteu em ausência. (195) Rosalinda, por fim, se promoveu a nenhuma.

²⁷Xicádju - aguardente de caju.